
Um Novo Formato de Reportagem Audiovisual: Análise do Profissão Repórter e do Canal Nostalgia¹

Maria Claudia Souza BATISTA²
Filipe Bordinhão dos SANTOS³
Universidade Positivo, Curitiba, PR

RESUMO

Este trabalho propõe dois modelos de reportagem a ser usado no Youtube como forma de produzir conteúdo jornalístico exclusivo para o meio digital, de acordo com a linguagem e critérios usados pela plataforma. As reportagens produzidas pelo Profissão Repórter e os vídeos do Canal Nostalgia compõem o objeto de estudo, a fim de a partir deles, propor dois modelos de reportagem, um para jornais televisivos tradicionais e outro para canais jornalísticos independente no Youtube. A cultura da convergência e as mudanças na produção do conteúdo audiovisual na TV e na internet baseiam este trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Audiovisual; Cultura da Convergência; Internet; Youtube.

INTRODUÇÃO

O consumo de informação mudou com o surgimento da Internet. Os veículos de comunicação tradicional aderiram às ferramentas digitais para compartilhamento de notícias, mas a maioria dos jornais e programas televisivos têm usado a plataforma YouTube de forma errada. Uma pesquisa realizada por Kilpp e Ferreira (2012) mostra que 80% dos veículos de comunicação televisivo usam o YouTube para publicar conteúdos já exibidos na TV e sem nenhuma alteração. Segundo os autores, o ideal é produzir um conteúdo novo para a internet, levando em consideração as características próprias do meio. (KILPP; FERREIRA, 2012, p.5). Mas como seria uma reportagem jornalística ideal para ser publicada no YouTube? Partindo desse questionamento, o objetivo deste artigo é propor um modelo de reportagem audiovisual que tenha os elementos necessários para ser consumida online e que mantenha a qualidade jornalística. Para isso, dois objetos serão base para um estudo exploratório: o programa jornalístico Profissão Repórter e o canal Nostalgia, de Felipe Castanhari.

O Profissão Repórter apresenta um modelo de reportagens independente e que foge do padrão das reportagens televisivas. Ainda que o objetivo proposto seja um formato online, o

¹ Trabalho apresentado na DT/IJ do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 24 a 26 de junho de 2019.

² Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da UP, e-mail: mariaclaudiab11@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Doutor em Comunicação e professor dos Cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da UP, e-mail: filipebordinhao@hotmail.com

programa traz riqueza em apuração, qualidade visual e discute temas sociais de forma que aproxima o telespectador dos personagens e desperta a empatia. Tudo isso, sem seguir o modelo tradicional de *off*, passagem e sonora, analisado por Nodari (2007, p. 30). Os três fatores destacados no Profissão Repórter, são estendidos para os vídeos do canal Nostalgia, produzidos por Felipe Castanhari. Há apuração, animações gráficas e linguagem própria para a internet que resultam em vídeos informativos para o público jovem. O vídeo “Entenda a Guerra da Síria”, publicado no canal em fevereiro de 2017, tem quase cinco milhões de visualizações e foi citado em uma pergunta no vestibular da Universidade Federal do Paraná (UFPR) no mesmo ano, o que demonstra a qualidade e a relevância dos vídeos produzidos.

A partir dos formatos distintos adotados pelos dois objetos e a forma com que os dois trabalham temas sociais relacionados à Direitos Humanos, o objetivo deste artigo se restringe ainda mais: propor um modelo de reportagens audiovisuais para o YouTube que discutam questões sociais com o público jovem. Para isso, alguns pontos foram analisados nos dois objetos para pontuar quais características deveriam estar na proposta de reportagem. As categorias analisadas nos dois objetos são linguagem; técnicas de captação e edição audiovisual; uso de animações; apuração do conteúdo e o papel do repórter e youtuber ao contar a história.

1. CULTURA DIGITAL

Os avanços tecnológicos proporcionam um novo modelo de consumo da informação e de relação entre as pessoas. Lévy (1999, p. 17) afirma que a cultura digital ou cibercultura tem crescido por dois fatores: o interesse dos jovens e a necessidade de um novo meio de comunicação.

o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. Em segundo lugar, que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano. (LÉVY, 1999, p. 17)

Por anos a atuação do jornalista foi restrita a apenas redações de jornais impresso. Com a tecnologia, TV e rádio levaram o conteúdo jornalístico a novos lugares e públicos. E agora, a internet vem com alto poder de modificação nesse cenário, tanto na forma de produzir conteúdo quanto ao consumo da informação.

A Cultura da Convergência analisada por Henry Jenkins aborda os diversos meios de contar uma história, já que o fluxo de informação é alto na internet. O cenário mudou, e manter a mesma notícia no impresso, rádio ou TV, não atende mais as exigências do público consumidor. Gilberto Barbela Consoni cita em um artigo publicado no Observatório da Imprensa que

A publicação de conteúdo multimídia a partir da integração de redações de mídias anteriores, como das TVs, dos rádios e dos impressos, não é mais suficiente para garantir espaço na agenda de consumo de informação da audiência, é preciso convergir as redações de forma a produzirem conteúdo com uma linguagem que tire o melhor proveito dos códigos já conhecidos e do potencial das informações em rede nessa cultura participativa. (2019, p.2)

Para produzir esse conteúdo citado por Levy que apresenta as características da linguagem, dos códigos e do potencial da informação, Jenkins traz o conceito de cultura da convergência. Essa integração entre os meios tradicionais e a nova proposta cibernética é essencial para o jornalismo levar informação ao maior número de pessoas. A Cultura da Convergência não tem a função de substituir um meio por outro, mas sim promover o compartilhamento de conteúdo por vários meios, a fim de proporcionar uma elevada interdependência de sistemas de comunicação.

A convergência não depende de qualquer mecanismo de distribuição específico. Em vez disso, a convergência representa uma mudança de paradigma – um deslocamento de conteúdo de mídia específico em direção a um conteúdo que flui por vários canais, em direção a uma elevada interdependência de sistemas de comunicação, em direção a múltiplos modos de acesso a conteúdo de mídia e em direção a relações cada vez mais complexas entre a mídia corporativa, de cima para baixo, e a cultura participativa, de baixo para cima. (JENKINS, 2006, p. 325)

A convergência defendida por Jenkins é colocada em prática pelos veículos de comunicação. Atualmente, os jornais não se limitam ao uso de um único meio como forma de compartilhar o conteúdo. Os veículos tradicionais, por exemplo, têm usado as redes sociais como Facebook, Twitter e Instagram para interagir com o público e disseminar informação. A “gestão de mídias digitais” nunca foi tão necessária para o sucesso de um jornal. A internet vem com uma proposta de informação rápida, instantânea e que pode ser acessada de qualquer lugar. É essa característica que move a convergência, e os jornais têm adotado a prática -- muitos jornais impressos, como a Gazeta do Povo, migraram totalmente para o meio digital e cessaram

as edições diárias impressas. Tal fato expõe a força que a internet tem sobre o processo de produção e consumo da informação.

2. MUDANÇAS NO JORNALISMO TELEVISIVO TRADICIONAL

As reportagens televisivas seguem um padrão nos jornais. O *off* (locução do repórter), passagem (imagem do repórter olhando para a câmera) e sonora (trecho da entrevista, depoimento), são elementos obrigatórios nas reportagens da TV. Na produção do conteúdo há uma regra que imagem e palavra caminham separadas (NODARI, 2007, p. 26). O repórter não deve descrever o que a imagem já mostra, além de que, na pressa, acaba gravando o *off* sem saber o exato conteúdo filmado pelo cinegrafista. Outro fator que é presente nas reportagens televisivas, são a interpretação do repórter, demonstrada pelo *off*, e as imagens complementam o que é dito, ainda que captadas em momentos diferentes e por pessoas diferentes (repórter e cinegrafista). “Podemos entender que o texto do repórter tende a carregar a interpretação dada por ele ao fato; já as imagens tendem a servir para ilustrar esse texto.” (NODARI, 2007, p.30).

Contudo, a separação de imagem e fala gera uma subordinação entre os dois elementos. Consuelo Lins afirma que: “Qualquer reportagem televisiva repete a relação de subordinação da imagem à narração em *off*, os entrevistados tornam-se facilmente ‘tipos’ e, na maior parte dos casos, são editados de modo a provar a veracidade do que o repórter está dizendo.” (2003, p.71).

Essas características dadas ao audiovisual jornalístico na TV mostram um padrão que está sendo substituído por novos formatos. E não apenas pela mudança com os avanços da internet e vídeos produzidos para as diversas plataformas digitais. O formato tradicional de se fazer reportagem tem dado espaço para novas formas de produção, como é o caso das reportagens produzidas pelo Profissão Repórter. O programa não usa o *off*, passagem e sonora, citados anteriormente. E o ponto principal desse novo formato é como a relação da imagem - palavra é feita. Não há separação entre repórter e cinegrafista. O Profissão Repórter adota o vídeorepórter, ou seja, todo o processo de produção é feito por apenas uma pessoa. Essa estratégia de captação de conteúdo faz com que o repórter participe de todas as etapas da narrativa e não use as imagens apenas cobrir fala ou ilustrar texto. A câmera se torna o olhar do repórter e não há textos pré-elaborados. O repórter fala o que sente, pergunta o que necessita e descreve o que chama a atenção. Há uma entrega maior por parte do repórter em relação à notícia e Nodari aponta que:

O envolvimento do repórter com a notícia funciona como uma proposição para que o público também se relacione e se emocione com o assunto. Os jornalistas compreendem o envolvimento como uma das características da televisão a serem levadas em conta durante a elaboração de uma reportagem para induzir o público a sentir empatia pelos personagens. (2007, p.58)

Adotar essa estratégia para despertar a empatia do público é de extrema importância para propor um modelo de reportagem que aborda questões sociais ligadas a Direitos Humanos. O Profissão Repórter traz temas sociais a partir da imersão dos jornalistas na realidade das pessoas, acompanhando a rotina do trabalho, vivendo por determinado período em uma cidade... O repórter se torna parte do cenário e direciona o olhar do telespectador à pontos importantes para entender a narrativa. Dessa forma, não há conflitos entre fala e imagem.

A abordagem de Direitos Humanos é presente também no segundo objeto de estudo deste artigo, o canal Nostalgia.

3. O USO (ERRADO) DA CONVERGÊNCIA NO JORNALISMO

O Youtube foi escolhido para exemplificar a convergência com o jornalismo porque é a plataforma digital que armazena vídeos de maior relevância. De acordo com dados divulgados pelo *Think With Google*, o Youtube cresceu 54% em dois anos e ganhou 35 milhões de novos usuários, e “hoje são 98 milhões de pessoas conectadas. E 95% da população brasileira online acessa [o Youtube] pelo menos 1 vez por mês. Aliás, entre pessoas de 18 a 49 anos, o Youtube é maior que a TV a cabo”.

O conceito de convergência ainda é novo e os veículos tradicionais tentam se adaptar à mudança na forma que conseguem. A TV, meio tradicional que é foco deste estudo, não tem feito bom uso das plataformas digitais, principalmente do Youtube. Como dito no início deste trabalho, 80% dos veículos de comunicação televisivos apenas reproduzem na internet o que já havia sido exibido em TV aberta (KILPP; FERREIRA. 2012. p. 5)

A análise exposta no artigo mostra que o conteúdo audiovisual postado pelas emissoras na internet é copiado e repostado nos sites e canais do Youtube. Isso é um problema. Não há uma produção independente direcionada para o público online. Os veículos não exploram o Youtube como meio de disseminação de conteúdo como defendido por Jenkins (2006), e sim como um “*pen drive*” que reúne edições antigas da TV.

Além da repostagem, outros dois grupos classificam o conteúdo compartilhado pelas emissoras da TV na internet: a reverberação e a postagem exclusiva. A reverberação “trata-se de material original, ainda que se baseie em algum produto oriundo da televisão.” (KILPP;

FERREIRA, 2012, p. 6.) Contudo, o modelo ideal a ser seguido pelos veículos de comunicação ao usar o Youtube como disseminador de informação, é a postagem exclusiva.

O terceiro tipo de postagem observada é a exclusiva. Neste caso trata-se de vídeos que até podem ser pautados pela TV, mas que são formatados para serem assistidos exclusivamente na Internet. Em outras palavras, usam uma linguagem e estéticas próprias da web, têm fontes exclusivas, e as imagens e modos de edição são per se. (KILPP; FERREIRA, 2012, p. 7)

A postagem exclusiva atende às exigências dos meios, como citado no tópico anterior no Observatório da Imprensa (2019) “é preciso convergir as redações de forma a produzir conteúdo com uma linguagem que tire o melhor proveito dos códigos já conhecidos e do potencial das informações em rede nessa cultura participativa. ” Os veículos não devem usar o Youtube como um local online para armazenar edições já exibidas na TV aberta, visto que o público e a linguagem são diferentes. Os vídeos produzidos para o Youtube têm uma linguagem própria, edição e animações diferentes da proposta tradicional da TV. Os *youtubers* ou geradores de conteúdo digital não têm a mesma postura que o jornalista em uma reportagem televisiva. Por isso, é necessário que os veículos tradicionais usem a convergência como forma de produção exclusiva.

Essa relação entre produção audiovisual para TV e para internet é discutida a seguir, junto com os elementos (linguagem, edição, postura do apresentador e animações) usados em cada meio.

4. ESTUDO EXPLORATÓRIO

Para propor o modelo de reportagem para o Youtube foram usados dois objetos de estudo: o Profissão Repórter e o canal Nostalgia, do Felipe Castanhari. O Profissão Repórter foi escolhido porque apresenta um modelo de reportagem diferente do proposto para reportagens televisivas tradicionais. O canal Nostalgia também é objeto de estudo porque tem um conteúdo independente que aborda temas de relevância social para jovens com uma produção diferente da TV e de acordo com a linguagem do Youtube. Neste estudo, o foco foi nos conceitos técnicos de produção da notícia no meio audiovisual. Através de um estudo exploratório e comparativo foram selecionadas cinco principais características para serem analisadas nas produções audiovisuais. A linguagem, técnicas de captação e edição audiovisual, uso de animações, apuração do conteúdo e o papel do repórter e *youtuber* na notícia.

No terreno dos modernos meios audiovisuais, "linguagens" não são nunca fenômenos naturais, como são ou parecem ser (mas isso também é um assunto

muito controverso) as línguas chamadas "naturais", de extração verbal. Tudo, no universo das formas audiovisuais, pode ser descrito em termos de fenômeno cultural, ou seja, como decorrência de um certo estágio de desenvolvimento das técnicas e dos meios de expressão, das pressões de natureza socioeconômica e também das demandas imaginárias, subjetivas, ou, se preferirem, estéticas de uma época ou lugar (MACHADO, 1993, p. 9).

A linguagem usada pelo Profissão Repórter e pelo canal Nostalgia são completamente diferentes da usada nas reportagens televisivas padrão, com o *off*, passagem e sonora. O processo de produção é independente e usa estratégias diferentes. Para facilitar a comparação dos objetos, a análise dos critérios a seguir será individual.

4.1 A PROPOSTA DO PROFISSÃO REPÓRTER

O Profissão Repórter é o programa jornalístico que tem por diferencial a fuga do padrão *off*, passagem e sonora nas reportagens televisivas. É fato que o programa apresenta reportagens longas e especiais, e que não se encaixam no conceito de *hardnews*, como é o caso do Jornal Hoje, por exemplo. Mas o conceito jornalístico usado pelo Profissão Repórter é um diferencial nas produções televisivas.

Anualmente, jornalistas que integram o time do Profissão Repórter fazem palestras em diversas cidades do país para convidar estudantes acadêmicos a produzirem reportagens no “padrão Profissão Repórter” através do GloboLab. Em uma das palestras realizadas em 2018 em Curitiba (PR), a equipe pontuou elementos que são analisados nas produções.

O primeiro ponto que deve ser considerado é a situação audiovisual. “Será que o tema permite registrar situações?” Essa pergunta revela a importância da imagem para as reportagens. O Profissão Repórter tem uma característica que é o vídeorepórter. O repórter que apura a informação e entrevista, é a mesma pessoa que filma e dirige o olhar da câmera. Raramente há a relação de repórter e cinegrafista nas produções. Por conta disso, a experiência e o olhar do repórter conduzem a reportagem e o público. Na palestra, por exemplo, é orientado evitar o uso tradicional de entrevistas (pessoa sentada enquadrada em Plano Médio (PM)). Na fala do jornalista Caio Cavechini “mostrar é mais importante que o contar.” Ou seja, a proposta do programa não é entrevistar e coletar o relato da pessoa, mas mostrar a vida dessa pessoa. Por isso é usado o recurso do vídeorepórter. É uma pessoa que faz uma imersão na vida do personagem e acompanha a rotina, registra as atividades e coleta o depoimento espontâneo, como uma conversa. A proposta do Profissão Repórter é contar histórias interessantes e relevantes de forma mais intimista e pessoal. A observação e a imersão são pontos que se destacam nos critérios citados para produzir uma reportagem no modelo do Profissão Repórter.

A maioria das pautas apresentam uma perspectiva humanizada, ligada a questões sociais e a vida de pessoas comuns, mas com histórias impactantes. Um exemplo é a reportagem “Mães do Cárcere” que revela a situação humanitária e legal das mães e dos bebês em penitenciárias. Nessa reportagem, é possível perceber os elementos citados pelos jornalistas na palestra. A câmera é o olhar do repórter e os relatos são contados como uma conversa. O cenário é a realidade das pessoas e tudo transmite informação. No final, a reportagem conscientiza e desperta empatia pelas histórias contadas.

4.2 CANAL NOSTALGIA: PRODUÇÃO EXCLUSIVA E LINGUAGEM

O canal Nostalgia, criado e apresentado por Felipe Castanhari, é um dos canais no Youtube mais famosos e com conteúdo relevante. Inicialmente, os vídeos produzidos abordavam temáticas *geeks* (termo usado para assuntos sobre heróis, filmes, histórias em quadrinhos e *games*). Porém, o canal cresceu e nos últimos anos tem apresentado vídeos com temáticas diferentes. A mudança no conteúdo produzido é dada pelo fator de tempo. Felipe Castanhari não é mais adolescente e produzir conteúdo mais sério foi uma estratégia de manter o público jovem com a linguagem informal, mas com vídeos de relevância.

O Nostalgia hoje tem alguns quadros, como em um programa. O Nostalgia História mostra curiosidades e resume um ponto importante e marcante da história humana, como a Ditadura Militar no Brasil e a Segunda Guerra Mundial. Outro quadro famoso no canal, é o Nostalgia Ciência, com vídeos como o surgimento da Lua e se vacinas fazem mal. Além destes, há também vídeos sobre a vida de personalidades como Albert Einstein e vídeos animados que contam histórias pessoais da infância e adolescência de Felipe Castanhari.

Os vídeos como um todo apresentam conteúdo relevante com muita informação. É possível perceber a quantidade de dados e fatos coletados para a produção de um vídeo com duração de 10 minutos. Nesse ponto é possível perceber semelhanças entre o processo de produção de Felipe Castanhari ao exigido nas práticas jornalísticas: a apuração. Ainda que não apareça nos vídeos um entrevistado como em reportagens, quando se faz necessário a presença de uma autoridade no assunto, Felipe convida pessoas para apresentar o vídeo junto com ele, como é exemplificado no vídeo “A Terra é Plana? ”

Um ponto interessante dos vídeos produzidos por Felipe Castanhari, principalmente naqueles sobre história, é que ele sempre apresenta provas para mostrar a veracidade do que está sendo dito, ou seja, ele recorre ao jornalismo mesmo não sendo um canal jornalístico (o que ressalta a justificativa da escolha do objeto de estudo.) Um dos recursos utilizados são fotos de manchetes de jornais renomados no país como Folha, G1 e Estadão, além de vídeos verídicos

que foram usados por jornais televisivos. É possível perceber que Felipe Castanhari faz a terceira forma de publicação no Youtube citada por Kilpp e Ferreira, com “vídeos que até podem ser pautados pela TV, mas que são formatados para serem assistidos exclusivamente na Internet”. Não há uma cópia do conteúdo de jornais, e sim um embasamento para produção exclusiva para o Youtube. Para ir a fundo nessa análise, foi escolhido o vídeo “Entenda a Guerra na Síria de um jeito muito simples! ”, citado no início deste trabalho.

O vídeo começa com a seguinte fala de Felipe Castanhari “Olá meus queridos, amigos. Tudo bem com vocês? Eu sou Felipe Castanhari e vocês devem ouvir muito falar sobre a tal guerra na Síria. Estamos o tempo todo ouvindo notícias na TV e na internet e eu notei que a grande maioria das pessoas não fazem a mínima ideia do que *tá* rolando. ”

Nesta fala de aproximadamente 20 segundos, dois pontos podem ser explorados. Primeiro a confirmação da produção exclusiva citada por Kilpp e Ferreira, e a linguagem usada. Fica evidente nas palavras de Felipe Castanhari que o tema foi pautado na TV através de reportagens e a partir disso, foi produzido por ele um vídeo para explicar o assunto de forma exclusiva e com linguagem própria para o Youtube. O objetivo do vídeo não é informar sobre a guerra na Síria, visto que os jornais já ocuparam esse papel. O intuito da produção, é fazer entender o que é pautado pelos jornais em uma produção mais livre, descontraída e longa, como forma de aprofundamento da informação, já que o vídeo tem exatos 10 minutos de duração e uma reportagem televisiva padrão tem aproximadamente 3 minutos.

A produção audiovisual recebe destaque nos vídeos de Felipe Castanhari pela animação. As animações e efeitos audiovisuais enriquecem a produção e auxiliam o público a visualizar a informação que ao ser apenas dita, as vezes pode ficar abstrata e não atingir o imaginário de quem assiste. Os veículos de comunicação televisivos têm adotado tal recurso nas reportagens, mas de forma tímida e singela ainda. As animações se resumem à números na tela quando um valor é dito, ou palavras difíceis que aparecem escritas. Há também animações para mostrar uma nota oficial, em que aparece a carta digitalizada e frases específicas são destacadas ao passo que o repórter as lê em *off*. Contudo, essa animação é independente, ou seja, não se interage com o repórter. Já nos vídeos de Felipe Castanhari, as animações complementam a fala dele com setas, imagens, desenhos que apresentam um design gráfico exclusivo do canal Nostalgia e o uso de efeitos sonoros. Esses elementos enriquecem as produções audiovisuais e aproximam o apresentador, jornalista ou *youtuber*, do público/telespectador.

A linguagem usada por Felipe Castanhari também é um diferencial da produção e exemplifica as categorias que devem ser usadas no Youtube. Em uma reportagem televisiva, o repórter e o âncora não se dirigem ao telespectador com “olá queridos amigos” e muito menos

usam termos como “fazem a mínima ideia do que tá rolando”. A linguagem no Youtube é mais livre e informal. Em seguida, Felipe Castanhari diz “mano”, uma gíria popularmente usada pelos jovens. Tal linguagem não é usada em reportagens televisivas, mas é essencial no Youtube, e mostra uma relação maior com o público, visto que é majoritariamente jovem. Além disso, revela a identidade do apresentador e auxilia no processo de fazer entender de forma simples.

5. UM NOVO MODELO DE REPORTAGEM PARA O YOUTUBE

O Profissão Repórter e o canal Nostalgia apresentam propostas e conceitos audiovisuais completamente diferentes. O fundo jornalístico é mais forte nas reportagens do Profissão Repórter e o Nostalgia se destaca pela linguagem e animação. Porém, há fatores que ligam as duas produções, mas antes de elencar essas características e propor um modelo com base nos dois objetos de estudo, é preciso citar que, apesar de ter um modelo diferente de produção, o Profissão Repórter é um programa jornalístico televisivo que reproduz o conteúdo na internet. Enquanto isso, o canal Nostalgia é um conteúdo totalmente voltado para a web e que não tem relação com uma emissora de TV ou um jornal televisivo.

Para produzir reportagens no Youtube, é preciso criar um canal na plataforma. Esse canal pode ser tanto o de uma emissora de TV (que como visto apenas repostam o que já foi exibido na programação) ou um canal independente, como é o caso do Nostalgia. Porém, como o objetivo deste trabalho é propor um modelo de reportagem para um canal jornalístico, partimos do pressuposto que esse canal será formado por jornalistas com o intuito de produzir reportagens. Sendo assim, há uma necessidade de propor não só um, mas dois modelos de reportagem jornalística para o Youtube: o “modelo independente” e o “explicativo ou de profundidade”.

O modelo independente é para o canal que não tem vínculo com um jornal televisivo tradicional e que produz conteúdo exclusivamente para a internet. Já o modelo explicativo ou de profundidade, é para os jornais televisivos que acabam repostando o conteúdo no Youtube e que, na verdade, devem produzir conteúdo exclusivo.

5.1 MODELO INDEPENDENTE

O Modelo Independente para reportagens audiovisuais no Youtube é direcionado aos canais que tem por objetivo informar e contar novas histórias. Esse modelo segue o processo de apuração e produção proposto pelo Profissão Repórter, ou seja, foca na imagem como fator

primordial para a narrativa, além de mostrar a imersão do jornalista na história contada. A reportagem não adota o padrão *off*, passagem e sonora. Os entrevistados não ficam sentados de frente para a câmera em Plano Médio (PM), mas falam com o jornalista como em uma conversa. Não há a entre barreira jornalista e fonte, e sim uma relação intimista que também é estabelecida com o público através da linguagem.

A linguagem coloquial usada por Felipe Castanhari é referência para esse modelo e não interfere na credibilidade da informação. Vale ressaltar que o modelo proposto é jornalístico, sem perda da qualidade da informação e de apuração. Sabendo disso, o repórter deve conversar com o público ciente de que está no meio online e que gírias e expressões são aceitas de acordo com o público alvo. Para estabelecer esse vínculo e despertar o interesse de quem assiste, o vídeo deve começar com o padrão do Youtube. O apresentador (que nesse caso deve ser a pessoa principal dos vídeos, ou seja, aquele que estará em todos os vídeos e será a imagem do canal) deve começar o vídeo falando diretamente com o público, de forma simples, informal e pessoal.

Uma característica importante nos vídeos é o cenário. Ter um fundo que simboliza o canal é essencial pois traz uma identidade visual para a produção. Ainda que seja um canal jornalístico, é preciso estabelecer primeiro uma relação com as pessoas inscritas no canal. Em seguida, a sugestão é contextualizar o tema abordado no vídeo. Se a reportagem for sobre feminicídio, por exemplo, mostrar dados e conceituar termos são importantes para situar o público sobre o assunto. Feito isso, o apresentador chama a reportagem que foi produzida sobre feminicídio, com personagens, autoridades e histórias apuradas. É importante ressaltar que essa reportagem deve ser no modelo descrito no início desse tópico, fora do padrão *off*, passagem e sonora e, ainda que seja uma reportagem jornalística, deve ser produzida com as características de vídeos para a internet. O diferencial está em abordar um tema sério e relevante com as características de um vídeo do Youtube, com animações, linguagem informal, interação com o público e captação de imagens que mostram a imersão do repórter na história. Um exemplo disso são os *vlogs*, que contam o dia a dia dos *youtubers* de forma que ele interage com a realidade vivida e que chama a atenção de quem assiste para dentro do contexto que está sendo mostrado.

Sendo assim, o modelo de produção independente mostra dois momentos do jornalista: o primeiro contato no estúdio personalizado com o apresentador contextualizando o tema do vídeo através de uma linguagem informal; e a reportagem em si que mostra a imersão do repórter no tema e a interação que ele estabelece com as fontes e o com o público. É interessante

ressaltar que essa interação não acontece apenas pelo meio cibernético, mas há um contato físico e intimista entre as partes.

5.2 MODELO EXPLICATIVO OU DE PROFUNDIDADE

O Modelo Explicativo ou de Profundidade é uma solução ao problema dos jornais televisivos que repostam na internet as reportagens exibidas na TV. Como mostrado neste trabalho, repostar os conteúdos no Youtube é incorreto, de acordo com a linguagem e produção exclusiva exigida pela plataforma digital. Sendo assim, o caminho é uma reportagem que seja pautada pela TV, mas que seja produzida para ser consumida na internet, visto que há características próprias do meio.

No vídeo “Entenda a Guerra da Síria de um jeito muito simples!” Citado neste trabalho no tópico “Canal Nostalgia: Produção Exclusiva e Linguagem”, Felipe Castanhari começa o vídeo dizendo que o tema era comentado nos jornais da TV, mas que ainda assim muitas pessoas não sabiam o que realmente estava acontecendo, o que pode indicar uma falha do jornalismo tradicional, que não atende mais às exigências de consumo de informação na era digital. O vídeo do Nostalgia foi feito para explicar um tema pautado pela TV e é a partir disso que o segundo modelo é proposto. Os jornais televisivos podem se apropriar de assuntos discutidos e abordados na edição e produzir um vídeo explicando os termos complexos sobre o tema apresentado. Além disso, pode situar o telespectador do cenário ao qual aquela história faz parte, indo além do que é mostrado em uma reportagem de três minutos.

Com base nisso, o veículo pode ainda produzir uma reportagem de profundidade, visto que o tempo na TV é curto e bem dividido. Se o telespectador se interessou pelo tema de uma reportagem, ele pode acessar o canal do jornal no Youtube e assistir um vídeo jornalístico que aborda todos os pontos necessários para compreender com propriedade aquele assunto. Um exemplo pode ser a Operação Lava Jato. Diariamente os jornais apresentam novas informações sobre a operação que é complicada e tem muitos termos jurídicos. Sabendo disso, uma ideia de produção seria reunir o conteúdo atualizado sobre o assunto durante a semana e fazer um vídeo no Youtube que explicasse de forma simples, didática e informal os estágios da Lava Jato. A animação poderia até ser uma linha do tempo e desenhos que representam as principais pessoas envolvidas na operação.

Assim como o Modelo Independente, o Modelo Explicativo ou de Profundidade deve apresentar as características de uma produção audiovisual para o Youtube. Sendo assim, o cenário, linguagem, animações, edição e interação entre jornalista e público devem ser mantidas. Nesse caso, o uso de animações e efeitos audiovisuais são essenciais para

compreender o que é dito pelo jornalista. A única diferença é que não há a necessidade de uma reportagem, como citado no Modelo Independente. O apresentador fala diretamente com o público com o objetivo de explicar e aprofundar o tema já abordado em uma reportagem televisiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo realizado é possível concluir que a cultura da convergência permite adaptações dos meios televisivos tradicionais com as plataformas digitais da internet. Além disso, é visto uma necessidade dessa integração por parte do público que exige cada vez mais informações de acesso rápido e com credibilidade. O presente trabalho permite concluir que o jovem também consome notícia e por isso, é importante produzir conteúdos voltados para esse público. A internet se torna o meio mais acessível para falar com os jovens, já que a linguagem informal, gírias e expressões são permitidas no mundo cibernético, o que proporciona uma maior integração entre repórter e público.

Vale ressaltar que a partir dos dois modelos propostos para reportagens produzidas no Youtube, é possível concluir que existe meios de produzir um jornalismo de credibilidade, qualidade e relevância adotando as características do meio online. Sair do padrão de reportagens televisivas não tira o poder de informação jornalística, mas demonstra a preocupação do jornalismo em se adaptar às novas tecnologias a fim de levar informação a outros grupos, ciente de que algumas características (linguagem, animação, enquadramento, produção) também precisam ser adaptadas para um entendimento completo da mensagem.

REFERÊNCIAS

CASTANHARI, Felipe. **A Terra é Plana? Com Leon e Nilce**. 2017. (23m22s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nEVPDqUb5dM>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

_____. **Albert Einstein**. 2019. (59m12s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gPSk0Xjz0og>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

_____. **Entenda a guerra na Síria de um jeito muito simples**. 2017. (10m00s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Jc1XjUH0Ghc&t=38s>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

_____. **Regime/Ditadura Militar**. 2016. (1h03m19s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CRbZwM7fjYM>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

_____. **Segunda Guerra Mundial**. 2017. (1h24m48s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TV4Vzda09Ck>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

-
- _____. **Vacinas Fazem Mal?**. 2018. (12m29s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UM_mnIhHOXs>. Acesso em: 25 jun. 2019.
- CONSONI, Gilberto Balbela. **Cultura da convergência no processo jornalístico**. 2012. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/e-noticias/ed679-cultura-da-convergencia-no-processo-jornalístico/>>. Acesso em: 25 jun. 2019.
- GLOBO LAB PROFISSÃO REPÓRTER LEVA 22 PALESTRAS SOBRE REPORTAGEM A 15 CIDADES DO BRASIL . **Rede Globo**, 2019. Disponível em: <<https://redeglobo.globo.com/globouniversidade/novidades/globo-lab/noticia/globo-lab-profissao-reporter-leva-22-palestras-sobre-reportagem-a-15-cidades-do-brasil.ghtml>>. Acesso em: 25 jun. 2019.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.
- KILPP, Suzana. FERREIRA, Lorena de Risse. Estatuto do Audiovisual de Tv na Internet. **Contemporânea: Comunicação e Cultura**. Porto Alegre. Vol.10. N.02. Maio. Agosto 2012.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.
- MÃES NO CÁRCERE: HABEAS CORPUS COLETIVO MUDA VIDA DE FILHOS DE PRESAS . **Rede Globo**, 2018. Disponível em: <<http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2018/05/maes-no-carcere-habeas-corporus-coletivo-muda-vida-de-filhos-de-presas.html>>. Acesso em: 25 jun. 2019.
- NODARI, Sandra. **Ônibus 174: a relação entre imagem e voz no telejornalismo e no documentário**. Curitiba: Recém Mestre, 2007.
- YOUTUBEINSIGHTS 2017. Disponível em: <<https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/youtubeinsights/2017/introducao/?fbclid=IwAR3t5HV2Vdh-nNrqX1dKdC1PoBMUkbyEapk24dazwscU7g7h3CDGitTxTcA>>. Acesso em: 29. 2019.